

DANÇA E INCLUSÃO SOCIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

DANCE AND SOCIAL INCLUSION: LIMITS AND POSSIBILITIES

Nídia Carneiro Batista ¹, Elisa Maria Andrade Brisola², Celso Augusto dos Santos Gomes ³

¹ Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, UNIS-MG, Varginha, MG, Brasil, nidia.batista@alunos.unis.edu.br

² Doutorado em Serviço Social, UNIS-MG, Varginha, MG, Brasil, elisa.brisola@professor.unis.edu.br

³ Doutorado em Educação, UNIS-MG, Varginha, MG, Brasil, celso.gomes@professor.unis.edu.br

Resumo

A dança esteve historicamente vinculada à vida social como forma de expressão artística em diferentes períodos históricos. Na atualidade, é considerada uma forte ferramenta de inclusão social, pois vai além da transformação dos movimentos corporais em significados poéticos e consegue fazer com que os sujeitos que dela se beneficiam passem por uma transformação de vida em busca de dignidade e bem-estar. Neste artigo, apresenta-se a dança em sua dimensão inclusiva, a partir de relatos coletados para a dissertação de mestrado em fase conclusiva denominada “A dança como instrumento de inclusão social: um estudo de caso”. A abordagem é qualitativa e o instrumento da pesquisa foi a entrevista com 4 ex-alunas e suas respectivas mães. do projeto social “Ballet para todos” vinculado a uma Organização Não-governamental (ONG) financiada pelo poder público, no município de Varginha-MG. A análise das narrativas foi realizada com a técnica da triangulação que articula as narrativas ao contexto em que foram produzidas e o diálogo com autores. Os relatos apontam conquistas subjetivas e objetivas das ex-alunas por meio da participação no projeto social, evidenciando a necessidade de políticas públicas para os segmentos excluídos de nossa sociedade, ainda que não possuam a capacidade de transformação radical da ordem social vigente.

Palavras-chave: Dança. Inclusão Social. Políticas públicas.

Abstract

Dance was historically linked to social life as a form of artistic expression in different historical periods. Currently, it is considered a strong tool for social inclusion, as it goes beyond the transformation of body movements into poetic meanings and manages to make the subjects who benefit from it undergo a life transformation in search of dignity and well-being. In this article, dance is presented in its inclusive dimension, based on reports collected for the master's thesis in the final phase called “Dance as an instrument of social inclusion: a case study”. The approach is qualitative and the research instrument was the interview with 4 former students and their mothers. of the social project “Ballet para Todos” linked to a Non-Governmental Organization (NGO) financed by the public power, in the municipality of Varginha-MG. The analysis of the narratives was carried out using the triangulation technique, which articulates the narratives to the context in which they were produced and the dialogue with the authors. The reports point to subjective and objective achievements of the former students through participation in the social project, highlighting the need for public policies for the excluded segments of our society, even if they do not have the capacity for radical transformation of the current social order.

Keywords: Dance. Social inclusion. Public policies.

1 INTRODUÇÃO

A dança pode ser percebida como uma atividade física. No entanto, também deverá ser percebida como uma manifestação de arte. Ela integra vários aspectos: sociais, motores, ritmo, musicalidade, cinestesia, atenção, memória etc. e apresenta certa complexidade, assim, defini-la não se constitui tarefa simples. Há autores que a definem como forma de comunicação e expressão e outros que destacam o lado cinestésico da dança (CORREA, 2019). É considerada uma das mais belas manifestações artísticas, na medida em que dispensa ferramentas, dependendo apenas do corpo e do seu movimento para se realizar. Na atualidade é considerada uma forte ferramenta de inclusão social, pois vai além da transformação dos movimentos corporais em significados poéticos, permitindo que os sujeitos que dela se beneficiam passem por uma mudança de vida em busca de dignidade e bem-estar.

No passado, em especial o *ballet* clássico, era considerado uma arte elitizada e cara, destinada àqueles com alto poder aquisitivo e pertencentes à burguesia. Silva (2010) aponta que quando essa arte, de caráter tipicamente burguês, é colocada a serviço da vida e da transformação, passa a ser uma importante ferramenta de construção da Cidadania. E, para exercer a cidadania é preciso estar incluído na sociedade, usufruindo direitos, como o acesso a bens culturais e sociais, com condições adequadas de vida. Contemporaneamente, é uma das áreas com expressivo número de parcerias entre organizações do terceiro setor brasileiro, contempladas pelas Leis de Incentivo à Cultura em âmbito municipal, estadual e federal.

Silva (2010) apoiada nos estudos de MANTOAN, (2005) conceitua inclusão como a acolhida de todos os sujeitos sem exceção. Para que o sujeito seja efetivamente incluído é necessário que se sinta parte do meio em que vive e que seja aceito e respeitado em suas diferenças. Assim, a exclusão estabelece e categoriza as diferenças. Inúmeras vezes ouvimos no discurso de profissionais da dança classificação de seus alunos, apontando quem irá progredir e quem irá estagnar no processo de ensino-aprendizagem, classificação essa baseada, muitas vezes, em critérios excludentes.

Atualmente a dança, dentro das Organizações Não-Governamentais (ONGs), exerce também o papel socializador, fundamentada em concepções inclusivas, deixando de lado as posições binárias (típico/atípico, branco/negro, masculino/feminino, gordo/magro, rico/pobre). Dessa forma, não existe uma identidade privilegiada, mas identidades múltiplas, diferenciadas que representam a diversidade dos indivíduos (SILVA, 2010).

Nesse sentido, é fundamental apontar que, na dança, as possibilidades de trocas entre os sujeitos com suas singularidades proporcionam o exercício de uma cidadania com capacidade crítica, reflexiva, criativa, onde o indivíduo se torna capaz de olhar para si mesmo compreendendo suas dificuldades, para superar seus limites. Consequentemente, esse posicionamento contribuirá para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Para Assumpção, Macara e Januário (2016), a dança pode auxiliar o ser humano a encontrar uma relação corporal com a totalidade da existência. Neste sentido, as competências sociais são desenvolvidas por jovens, por exemplo, a partir de determinadas habilidades sociais e são identificadas ao nível das relações interpessoais. Nesse contexto, as autoras indicam que a melhora do quadro comportamental dos jovens pelo desenvolvimento das competências sociais pode ser preparada pelo enfrentamento do desafio social e da reação que a pessoa tem consigo mesma e com os outros. Se esse movimento for bem conduzido, poderá ter vivências mais saudáveis.

Ainda segundo as autoras, em uma concepção inclusiva, é fundamental o estabelecimento de laços de confiança e respeito para promover relações interpessoais saudáveis entre os sujeitos envolvidos e suas singularidades, à medida que os laços se estreitam, o processo de aprendizagem pode se tornar colaborativo, incentivando a superação das dificuldades encontradas e, conseqüentemente, os sujeitos passam a sentir-se pertencentes àquele meio.

Sob tal enfoque, Assumpção, Macara e Januário (2016 *apud* NUSSBAUM, 2014) pontuam que nos encontramos ligados a todos os outros seres humanos por laços de reconhecimento e interesse, concluindo que todos nós temos o direito à vivência da cidadania democrática.

No campo do ensino, o reconhecimento de um corpo socialmente construído tem levado profissionais da área a elaborar propostas educacionais que valorizam o processo criativo sem desconsiderar a relevância técnica, trabalhando a expressão pessoal como um corpo sociopolítico e cultural. Assim, as propostas metodológicas devem gerar o entendimento dos conteúdos dela buscando a autonomia do aluno para expressar a sua forma de ser e estar no mundo.

Nessa direção, a dança propicia o conhecimento do próprio corpo, incluindo uma melhor percepção das emoções e sentimentos, promovendo, conseqüentemente, o desenvolvimento das competências emocionais relevantes para promoção de relações mais estáveis consigo e com os demais. (ASSUMPÇÃO; MACARA; JANUÁRIO, 2016).

Sanderson (2013) ressalta significativa importância sobre o conhecimento das percepções de crianças, ou seja, atitudes positivas são necessárias para que o aprendizado ocorra. Essas atitudes não são inatas, na verdade são adquiridas e os estabelecimentos de ensino têm um papel a desempenhar em sua evolução, incluindo uma abordagem positiva e inclusiva para a dimensão estética da dança. Assim, ela é vivenciada em seu sentido mais amplo para incluir todos os estilos e tipos, é uma atividade de lazer muito popular entre indivíduos de todas as classes sociais. Porém, conforme a literatura existente há alguns estilos principalmente o *ballet*, que ocasionam fortes reações de natureza positiva ou negativa (SANDERSON, 2013).

De acordo com Silva e Wolff (2017), em uma sala de aula de *ballet* em que a disciplina tem algo de militar, não pode haver questionamentos, conversas e discussões sobre o que se aprende, na medida em que a tradição do *ballet* se perde em repetições de formas, ou seja, a sala de aula se torna apenas uma arena de competição de egos, na qual todos se comparam. Não há ali interesse pelo outro, mas, competição e exclusão. A modalidade se faz pensando e sentindo sem ignorar as emoções. Assim, as autoras destacam a importância de desenvolver o ensino de *ballet* procurando aumentar a percepção corporal das /dos/de alunas/os/es, de forma que compreendam a execução dos movimentos respeitando as diversidades corporais, levando em conta não apenas a técnica, mas, especialmente, a satisfação em dançar e se expressar.

Ao propiciar um aprendizado que preze pelo diálogo, com ênfase nas demandas reais dos alunos, há uma compreensão da realidade e de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, propicia um conhecimento crítico, reflexivo que gera a inclusão e a transformação desses alunos. Dessa forma, ao descobrir-se como um indivíduo livre, crítico, reflexivo e participativo em seu meio social, o aluno recobra sua capacidade de sonhar e de planejar o seu futuro, ou seja, ele percebe que por meio de suas ações é capaz de transformar e dar significado ao real (SILVA; WOLFF; 2017).

É nessa direção que se propõe a dança em uma perspectiva inclusiva desde que ofertada em forma de política pública, que favorece o reconhecimento dos indivíduos socialmente excluídos de bens e serviços sociais e culturais.

2 METODOLOGIA

Iamamoto (1998, p. 55) entende a pesquisa como um “mergulho na realidade” e Guerra (2009, p. 707) como “um processo sistemático de ações, visando investigar /interpretar, desvelar um objeto que pode ser um processo social, histórico, um acervo teórico ou documental”. Nessa direção, consideramos a pesquisa como um processo que deve compreender os fenômenos em sua totalidade, de forma a alcançar a essência em sua processualidade e em suas contradições. Em virtude da escolha teórico-metodológica adotada e do objetivo da discussão proposta neste artigo, apresentamos a dança em sua dimensão inclusiva, a partir de relatos coletados para a dissertação de mestrado em fase conclusiva denominada “A dança como instrumento de inclusão social: um estudo de caso”.

A pesquisa foi realizada com quatro ex-alunas do Projeto “Ballet para todos” do município de Varginha-MG, vinculado a uma ONG que recebe recursos públicos pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura nº 45 25/2006 no mesmo Município, na sede da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEMEL). Também participaram da pesquisa familiares das ex-alunas e, nesse caso em particular, somente as mães das respectivas ex-alunas aderiram. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do UNIS, com o parecer CEE nº. 5.764.070. A escolha das participantes se deu pelo fato de serem ex-alunas, considerando-se os objetivos da pesquisa. Ressalta-se que também foram convidados ex-participantes do sexo masculino, porém não obtivemos adesão deles.

A análise das narrativas se deu por meio da técnica da triangulação, a qual permite a articulação entre o contexto, os autores que estudam as temáticas que emergem das narrativas - favorecendo a compreensão do fenômeno em uma perspectiva de totalidade. Assim, a triangulação se pauta na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos, sendo o primeiro referente às informações concretas levantadas com a pesquisa, no caso, as narrativas. O segundo abarca o diálogo com os autores que estudam a temática abordada e, por fim, o terceiro, refere-se à análise de conjuntura ou contexto. “No que tange à coleta de dados, a Triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa, utilizando-se, para isso, por exemplo, do grupo focal, entrevista, aplicação de questionário, dentre outros” (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203).

Para melhor compreensão das narrativas das participantes, apresenta-se a seguir o perfil das ex-alunas e suas mães (Quadro 1). Ressalta-se que os nomes utilizados são fictícios, visando proteger as individualidades e foram escolhidos para homenagear bailarinas que fizeram a diferença na história da dança.

Considerando a abordagem qualitativa adotada no estudo, a construção do perfil das participantes da pesquisa é fundamental para o entendimento do contexto que as ex-alunas experienciam. Nesse sentido, as categorias renda e cor de pele mostraram-se relevantes para a compreensão de tal contexto.

Quadro 1- Perfil das ex-alunas

Ex-alunas	Idade atual (anos)	Escolaridade	Tempo no projeto (anos)	Modalidade praticada	Bairro onde reside	Renda (SM)	Cor da pele
Mercedes Baptista	25	Superior completo	4	Ballet/ Jazz	Parque Rinaldi	1,5	Negra
Bertha Rozenblat	19	Cursando ensino superior	7	Ballet	Carvalhos	2	Negra
Toshie Kobayashi	25	Ensino médio	11	Jazz	Corcetti	1	Negra
Maria Olenewa	24	Superior completo	5	Ballet/ Jazz	Jardim Ribeiro	1,2	Branca

SM = Salários-Mínimos

Fonte: elaborado pelos pesquisadores, 2023.

De acordo com o perfil apresentado no Quadro 1, as ex-alunas têm idades entre 19 e 25 anos, com uma média de participação no Projeto de seis anos. Das quatro entrevistadas, Mercedes Baptista e Maria Olenewa concluíram o ensino superior, Bertha está cursando o ensino superior e Toshie concluiu o ensino médio. Todas residem em bairros periféricos da cidade de Varginha-MG, os quais foram apontados na delimitação de estudo. Dentro das modalidades oferecidas pelo projeto, Mercedes e Maria praticaram ballet e jazz, Bertha praticou apenas o ballet e Toshie o jazz. Até a data das entrevistas elas declararam ter uma renda entre 1 e 2 salários-mínimos.

Como podemos observar pelo perfil das ex-alunas, trata-se de um grupo de jovens mulheres pertencentes aos estratos baixos da população no que se refere à renda, razão pela qual reforçamos a importância de políticas públicas que tenham essa população como público-alvo e, de forma continuada, possibilitem a inserção delas em programas, projetos, serviços e benefícios, tendo em conta as profundas desigualdades sociais existentes em nosso país. Tal direção, mostrou-se relevante na análise das entrevistas visto que as ex-alunas vivenciaram e ainda vivenciam situações de vulnerabilidade social, conforme evidenciado no perfil.

Nessa direção, lembramos que as políticas públicas visam concretizar direitos sociais conquistados pela sociedade e incorporados em leis, materializados em programas, projetos e serviços conforme os expõe Pereira (2008). Segundo a autora, a política pública guia-se pelo princípio do interesse comum e deve visar à satisfação das necessidades sociais e não à rentabilidade econômica.

Entretanto, sabemos que a materialização dos direitos sociais é atravessada por inúmeras contradições, na medida em que as políticas públicas são formas de o Estado responder às demandas dos trabalhadores e trabalhadoras para evitar o conflito social diante das profundas desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo. Contudo, apesar da necessidade de sua existência, as políticas públicas enquanto táticas governamentais, não são capazes de promover uma real melhoria das condições de vida da classe trabalhadora (OLIVEIRA, 2008), na medida em que o Estado só atende às reivindicações aceitáveis pelo grupo dominante, tendo como exemplo dessa prática, a Reforma Agrária, que não se efetiva, porque não atende aos interesses do grupos agronegócio.

Na contemporaneidade, as políticas públicas sofrem os impactos da agenda neoliberal à qual impõe aos estados nacionais a diminuição dos gastos públicos com essas políticas. (BEHRING, 2003)

No caso brasileiro, por exemplo, temos a aprovação em 2017 do Projeto de Emenda Constitucional – PEC 95 que congelou os gastos públicos com as políticas de saúde, educação e assistência social por 20 anos, sem considerar o aumento da demanda nesse período. Essa e outras práticas neoliberais fragilizam as políticas públicas em razão do baixo financiamento, atingindo as classes populares, suas usuárias preferenciais.

Na sequência, apresentamos no Quadro 2 o perfil das mães das ex-alunas participantes do projeto “Ballet para todos”, com fito de corroborar com o perfil das ex-alunas, reforçando as condições sociais das participantes e o quanto o projeto “Ballet para todos” foi determinante para a sua inclusão social.

Quadro 2- Perfil das mães das ex-alunas do projeto.

Mães das ex-alunas	Idade (anos)	Profissão	Escolaridade	Número de filhos	Bairro onde reside	Renda familiar (SM)	Renda per capita
Mercedes Baptista	48	Técnica de enfermagem	Ensino médio e técnico em enfermagem	2	Parque Rinaldi	1	R\$ 651,00
Bertha Rozenblat	58	Cobradora	Ensino médio	2	Carvalhos	1	R\$ 434,00
Toshie Kobayashi	58	Auxiliar de serviços gerais	Ensino médio	3	Corcetti	1	R\$ 651,00
Maria Olenewa	45	Dona de casa	Cursando o ensino superior	3	Jardim Ribeiro	4,2	R\$ 1367,10

SM = Salário-Mínimo

Fonte: elaborado pelos pesquisadores, 2023

Para fins expositivos, neste texto, expomos apenas dois eixos estudados na pesquisa, quais sejam: como era a vida das ex-alunas antes de se inserirem no “Projeto Ballet para todos” e o que mudou em suas vidas após a participação nele.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 A vida antes de participar do Projeto

A ex-aluna, aqui chamada de Mercedes Baptista, relatou ter sido uma criança muito ativa e sem disciplina. Um dos motivos que a fez entrar para o projeto de dança foi para controlar essa hiperatividade.¹ Afirmou ter sido uma criança com dificuldade de se relacionar, visto que não aceitava a maneira de agir do outro, nem as diferenças dela com suas colegas. O contato com o *ballet* veio por meio de outro projeto oferecido pela prefeitura: ela fazia ginástica rítmica e, como era necessário fazer aulas de *ballet*, então se inscreveu no projeto.

¹ O termo foi referido pela mãe para explicar o comportamento da filha. Assim, não cabe aqui aprofundar o debate sobre o termo teoricamente ou mesmo julgamento moral.

Segundo ela, o *ballet* era lindo, porém inacessível, já que não tinha condições financeiras para sua prática. Antes de ingressar no Projeto, ela havia procurado uma academia tradicional da cidade de Varginha-MG, porém, ao se deparar com a realidade, ficou frustrada: os valores não eram acessíveis para a realidade financeira da família, lembrando que a ex-aluna e sua família à época viviam com apenas um salário-mínimo.

[...] Eu tive contato com o ballet de forma gratuita. Foi esse o despertar para a dança, mas era algo bem distante da minha realidade. E se fosse para eu entrar por uma questão financeira, não teria condições, eu não teria conhecido o balé, nem a dança. Isso era bem inacessível. (Mercedes)

Em relação ao acesso às aulas de *ballet*, a ex-aluna Bertha Rozenblat também aponta a condição financeira e local de moradia como um obstáculo:

[...]Jeu via pessoas fazendo balé, mas nunca imaginei que eu estaria. Para mim era uma coisa, tipo assim, pessoas fazerem em filmes. Entrar no balé para mim foi uma coisa assim, bem diferente e que eu gostei bastante. Foi o primeiro projeto cultural que teve, era perto da minha casa, então para mim foi uma coisa bem acessível e que me ajudou bastante. (Bertha)

Bertha se descreveu como uma menina introvertida. À época, tinha medo de se expressar e de conversar com as outras pessoas. Quando tinha sete anos de idade, sua mãe ficou sabendo sobre o projeto de dança e a matriculou, mas, segundo ela, isso só foi possível por ser um projeto social e sem custos. Outro fator importante foi o fato de as aulas serem realizadas no mesmo bairro onde morava, na época, o bairro São Geraldo. Bertha ressalta que sempre desejou estudar o *ballet*, mas o via como algo muito distante de sua realidade.

Como podemos observar nas narrativas de Mercedes e Bertha, a condição de classe na maioria das situações produz o não acesso a bens materiais como a moradia, por exemplo, mas também dificulta o acesso aos bens culturais, como a dança, o teatro, entre outros. Apesar de a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) garantir a igualdade de direitos entre todos os brasileiros, na prática essa ainda é uma realidade distante.

A arte como uma manifestação da identidade e da cultura humana, que leva o ser humano a vivenciar experiências artísticas como prática social, capaz de liberar emoções e gerar novas aprendizagens ainda não é suficientemente democratizada em nosso país, razão pela qual exige a implementação de programas e projetos que visem a sua disseminação e acesso a todas as camadas sociais, em particular aquelas desprovidas de recursos.

A mãe de Mercedes, afirma que a filha tinha dificuldades de se relacionar. Não fazia muitas amizades e apresentava uma personalidade forte. Como morava muito próxima a uma prima, que também participou do projeto, não dava espaço para outras amizades. Em casa e fora de casa, se envolvia em confusões.

[...] Não tinha disciplina nem para as atividades dentro de casa, familiares e domésticas, nem na escola. Antes do contato com o balé eu era agressiva e briguenta. Não me recordo de ter disciplina [...] naquela época era bem briguenta, ela era uma pessoa difícil mesmo. No convívio em casa e com os colegas, ela se impunha muito, ela e a prima que fez parte do projeto junto com ela, sempre foram grudadas, porque nós éramos vizinhas de porta, elas cresceram juntas, só as duas. Não sobrava espaço para outras amizades sabe. De certa forma, tinha uma certa dificuldade, era só as duas ali. Aí com o projeto é que foi desenvolvendo outras amizades. (Mercedes)

Já a mãe de Bertha, afirma que ela era introspectiva e não tinha muitas amizades, apresentava dificuldades para se relacionar, porém tinha facilidade com os estudos:

[...] Ela era muito inteligente, é até hoje, ela gostava de participar de muitas coisas e dava conta de tudo. Mas, o principal é que ela era muito tímida, muito fechada, não se relacionava muito diretamente com as pessoas. (Mãe de Bertha)

Toshie Kobayashi já havia participado de outros projetos, mas ressaltou que se identificou imensamente com o projeto de dança. Também relatou ter sido tímida, não conseguia conversar com as pessoas a sua volta. Para ela, o projeto ajudou a melhorar sua convivência e a sua capacidade de se relacionar.

[...] quando veio o projeto "Ballet para todos", parei por lá, eu entendi que era mesmo que eu gostava de fazer, que era dança, era uma coisa mais solta, mais expressiva, mais livre, então foi bem mais tranquilo. Foi bem melhor adequar a modalidade do jazz. [...] eu era quieta, cara fechada, não conversava com ninguém. Tinha bastante timidez e tenho até hoje, mas o projeto me ajudou bastante a conviver, a relacionar, ajudou a estar participando, interagindo com as outras crianças. (Toshie Kobayashi)

A mãe de Toshie destaca que antes do ingresso no projeto a filha era muito responsável e, ao mesmo tempo, introspectiva. Á época, a menina tinha problemas de saúde, apresentava quadros de anemia. Esse foi um dos principais motivos para inscrevê-la nas aulas do Projeto, pois acreditava que teria melhoras no seu quadro de saúde. Outra característica destacada pela mãe é que filha tinha um bom relacionamento com as pessoas, apesar da timidez.

[...] ela tinha um bom comportamento, se relacionava bem com as pessoas, sempre muito meiga, ela não era muito de falar, mas muito educada, onde ela passava todo mundo gostava dela. Sempre recebo muitos elogios, mas sempre foi bem calada mesmo, tímida. (Mãe de Toshie Kobayashi)

Maria Olenewa, por sua vez, destaca que sempre gostou de dançar. Conta que, antes de ingressar no Projeto, chegou a fazer ginástica artística, mas seu grande desejo era praticar a dança. Entrou e fez aulas de *ballet* e *jazz*. Deu continuidade apenas no *jazz*, pois se identificava mais com a modalidade. Afirma que sempre almejou frequentar as aulas de dança, mas não tinha condições financeiras para isso. Ela relata sua timidez, e que se relacionava com os demais com certa reserva. Diz que apresentava dificuldades para aceitar a opinião das pessoas com as quais se relacionava. No entanto, destacou que ao praticar uma atividade física, a dança, conseguiu criar uma harmonia em todas as áreas de sua vida. Aprendeu a respeitar o diferente, o jeito de cada pessoa, a viver em sociedade. Para ela, a dança ajudou na superação de suas inseguranças.

[...] eu era tímida em certas partes, mas como pessoa assim não era tão tímida, mas tinha uma parte que me relacionava bem com os outros. Mas, depois que a gente entra numa atividade, num esporte, na dança, a gente acaba criando harmonia em tudo na nossa vida. Então, a gente vai facilitando essas partes de relação, de fazer amizade, de perder a vergonha, de saber conversar, de aprender a respeitar o jeito de cada um, cada um tem um jeito a gente vai aprendendo a socializar, a viver em sociedade. Para mim isso vai mudando de acordo com você fazendo, a dança, a dança ajudou muito a superar minhas inseguranças, fiquei melhor em tudo. (Maria Olenewa)

Buscando traduzir os relatos das entrevistadas, é evidente que se relacionar com o outro, a introspecção, a dificuldade de aceitar as diferenças, foram questões marcantes na vida das ex-alunas antes do Projeto. Para elas, a dança era algo inacessível, uma vez que não tinham condições

financeiras para sua prática, o que é reforçado por Silva (2010) ao relatar que a dança é considerada uma modalidade historicamente voltada aos segmentos mais elitizados da sociedade, visto que, para a sua prática e manutenção, os custos são elevados. De acordo com Marques (2010, p.146), "a dança ensinada e aprendida como linguagem já é, por definição, um passo significativo em direção a ações que não sejam autocentradas, egóicas, voltadas somente para nós mesmos. A dança como linguagem já implica diálogo com o mundo".

Para Cone e Cone (2015), no que se refere ao se relacionar, a respeitar as diferenças, a dança pode trazer muitas contribuições, pois é uma área de conhecimento que liga de forma completa os elementos que constituem o ser humano, ou seja, nos aspectos cognitivo, motor, social e afetivo, as crianças e adolescentes aprendem sobre elas mesmas e sobre os outros por meio da dança. Assim, a dança vai muito além do que a simples prática de uma atividade física voltada ao condicionamento físico ou ao treinamento de uma série de habilidades, ela é uma forma de expressão de sentimentos e de percepções. Por meio dela é possível explorar as possibilidades motoras do corpo e descobrir novas formas de modificação de movimento e a partir daí, expressar suas ideias e sentimentos.

A dança atende às necessidades de expressão e comunicação de crianças e adolescentes quando permite que usem seu instinto natural para fazer afirmações acerca de seu mundo, ao estimulá-las a irem além das respostas convencionais a tarefas relativas a movimentos e a descobrirem novas maneiras de se mover e de sentir, perceber e compreender elas próprias e o mundo que as cerca. Também, ensina às crianças e aos adolescentes entenderem as diversas possibilidades de expressão e comunicação, além daquele em que trabalham a fala e a escrita, ou seja, que é possível interagir com outras pessoas também pelo movimento. O pensamento crítico e a capacidade de tomar decisões também são desenvolvidos por meio da criação de novos movimentos de dança, além de proporcionar às crianças a oportunidade de compartilhar com os colegas a sua experiência de criar e aprender em conjunto (CONE; CONE, 2015).

Os indivíduos, desde o nascimento, usam os movimentos como forma de expressão e comunicação de suas necessidades. À medida que crescem e se desenvolvem passam a associar o movimento à sua linguagem para compartilhar com os demais as suas vivências e desejos. De certa forma, a prática da dança estimula a necessidade de se mover e oportuniza expandir conhecimentos e habilidades no que tange ao uso do movimento como forma de conhecer o mundo e a si próprio. Na visão dos autores, além das contribuições colocadas, os movimentos da dança auxiliam no aprendizado e troca de experiências e informações de forma totalmente natural e essencial.

Nesse sentido, a dança é percebida, primeiramente, por meio dos movimentos, pelo corpo, e seus movimentos são a forma pela qual o indivíduo revela o que se passa no seu íntimo. A forma como nos movemos no espaço e nos relacionamos com os outros e o ambiente transparece esses sentimentos, ou seja, a forma de nosso corpo se mexer, nossas ações e expressões revelam aquilo que sentimos a cada momento. A dança, por sua vez, pode proporcionar às crianças um meio de expressão e transmissão do que realmente sentem, além de adquirirem consciência de si mesmas e do mundo que a cerca. Ao dançar em grupos, elas assumem papéis, aprendem a compartilhar ideias, praticam movimentos em conjunto e desenvolvem uma identidade de grupo. Assim, vivenciam as perspectivas do outro e percebem que uma ideia pode ser expressa de diferentes maneiras.

A aula de dança proporciona às crianças e aos adolescentes assimilar princípios relativos a respeitar diferenças, diferentes preferências em termos de movimentação e aceitar ideias ou

negociá-las com os outros alunos e com o professor. Dessa forma, elas aprendem a cooperar com seu parceiro ou com o grupo para resolver conflitos de forma tranquila e equilibrada (CONE; CONE, 2015).

Para Laban (1990), o valor social da dança está determinado pela peculiaridade desta arte, no sentido de tornar a expressão do movimento compreensível aos olhos do outro. O autor acredita que não apenas aqueles movimentos que se assemelham às ações cotidianas, mas também aqueles mais delicados, de ações musculares mais reduzidas, como o simples gesto de colocar as mãos no rosto, são imensamente expressivos e comunicativos e podem revelar traços definidos da personalidade do indivíduo. Para ele, o movimento pode inspirar sentimentos, estados de espírito e nós não temos consciência do importante efeito que ele exerce sobre o estado mental e afetivo do indivíduo que se move.

O autor ainda reforça que o professor pode ajudar muito no desenvolvimento do aluno, se observar os movimentos com olhos compreensivos e sem críticas. Pode ocorrer que um aluno que tenha movimentos pesados e sem fluidez, não seja um preguiçoso, mas, na verdade, a sua atitude revela que pode estar passando por dificuldades. Segundo o autor, nas formas mais completas de dança, onde se criam e executam verdadeiras expressões de arte, o indivíduo, no caso a criança, aprende a valorizar a expressão mais elevada em que se constituem as obras de arte, pois ao participar de uma dança de grupo aprende a se adaptar às diferenças impostas, além de promover relações humanas valiosas.

Para Porpino (2006), a dança é conhecimento, manifestação da cultura e forma de comunicação a ser aprendida a partir das várias linguagens não verbais criadas e vividas pelos indivíduos. A comunicação na dança, segundo a autora, se dá, essencialmente, de forma corporal. Para dançar, é necessário expressar uma linguagem que vai além da verbal. Essa comunicação, por sua vez, é muito poderosa, pois o simples fato de se movimentar através da dança, seja por um simples movimento, ou seja, pela execução de uma coreografia, o corpo expressa a sua existência em meio às complexas relações com o mundo. A criança ou o adolescente, seja na vida cotidiana ou em um momento de espetáculo, expressam através dos seus movimentos os seus sentidos e vivências. Para a autora, os corpos por meio da dança brincam, se desesperam, choram e se alegram, ou seja, carregam consigo todos os momentos vividos. Nessa perspectiva, a dança permite interpretar o mundo de infinitas formas, através dela, é possível criar possibilidades de viver e existir, além das diversas possibilidades educativas.

Porpino (2006) acredita que a dança, como vivência estética, permite a compreensão do mundo de novas formas, o que configura o resgate da existência humana, em sua realidade corporal que muda e não se pode prever. A dança faz sentido e cria novos sentidos tanto para o dançarino, quanto para o espectador. Assim, esses sentidos se entrelaçam, se transformam e deles se originam outros infinitos sentidos. Aí está, segundo a autora, a sua sutileza e riqueza, pois será sempre na simplicidade do gesto corporal que ela poderá ser interpretada e compreendida pelo homem. A criança, por sua vez, por meio do gesto corporal irá adquirir conhecimento sobre o próprio corpo e a percepção que passa a ter sobre a forma como ele se move e em como se relaciona com os demais e com o ambiente, o que a auxilia a conhecer a si mesma e ao seu mundo de forma interativa.

Para Cone e Cone (2015), as crianças e os adolescentes precisam sentir-se bem-sucedidos em relação às suas vivências, têm a necessidade de expressar suas emoções, quando estão alegres, quando sentem medo, raiva, excitação ou frustração e de transmitir sua visão a respeito do mundo. Assim, por intermédio da dança, conseguem reconhecer e satisfazer essa necessidade, como,

também, conseguem descobrir e passar a entender os seus movimentos. Independentemente de as experiências relativas ao aprendizado da dança serem positivas ou negativas, a contribuição para o fortalecimento do autoconceito e da autoestima nas crianças é evidente.

Nesse sentido, para os autores, é relevante afirmar que a prática da dança pode levá-las tanto a se orgulhar da maneira pela qual se movimentam como a se sentirem inseguras e vulneráveis, como foi destacado no relato da mãe de Maria: “[...] ela tinha timidez e insegurança de fazer um passo errado, de esquecer a dança”. Toda criança ou adolescente, à medida que se movimenta, tem consciência do que é ou não capaz de realizar. E, também, constata que os outros estão percebendo seus movimentos. Assim, cabe ao professor ter a sensibilidade para saber reconhecer essas dificuldades e estimulá-las, demonstrando atenção e cuidado em relação ao sentimento de cada uma delas.

Como observado até aqui, a participação em um projeto social de dança permite que tanto crianças como adolescentes oportunizem experiências objetivas e subjetivas às quais terão efeitos no seu desenvolvimento físico, emocional e relacional, com a superação de dificuldades trazidas por sua condição de gênero, classe e raça.

Nessa direção, quando o sujeito se expressa pela arte, não fala apenas de sua arte, mas de um conjunto psíquico social permeado de elementos de outros tempos, que é reestruturado pela compreensão do particular para aparecer renovado no social. A arte assume o caráter social e emocional do ser humano. (VYGOTSKY, 1999 *apud* SILVA, 2022, p.1167)

Baseado nos estudos de González Rey (1997 *apud* MOLON, 2011, p. 5), a subjetividade “é a constituição da psique no sujeito individual e é integrada também pelos processos e estados característicos a este sujeito em cada um de seus momentos de ação social, os quais são inseparáveis do sentido subjetivo que tais momentos terão para ele”. Assim, a subjetividade está em construção, em movimento, vinculada à inserção do sujeito na sociedade, “dentro da qual o sujeito tem de seguir os desafios e contradições de se desenvolver através de sistemas diversos”. Isso quer dizer que a subjetividade e o social são “mutuamente constituídos e reciprocamente constituintes” (MOLON, 2011, p. 5). Nessa direção, podemos entender que a subjetividade e a intersubjetividade se interpenetram.

3.2 A vida após participação no Projeto “ballet para todos”: conquistas e desafios

Nas narrativas das ex-alunas do projeto foi possível perceber que a dança deixou marcas na vida de todas elas. A conclusão do ensino superior, o reconhecimento artístico, o trabalho, a forma de se posicionar diante das situações da vida foram apontadas como conquistas, já o ficar sem dançar, a maternidade, o não poder fazer uma faculdade para uma delas, a volta da timidez, foram alguns dos desafios e dificuldades que se apresentaram.

Para Cone e Cone (2015), a dança traz significados diferentes para cada um de nós, dependendo de como e das causas pelas quais ela faz ou fez parte de nossas vidas.

Refletindo sobre as conquistas e desafios que enfrentou após sair do projeto, Mercedes afirma que sua principal conquista foi concluir o ensino superior. Conta que tinha pretensão de fazer o curso de educação física e pós-graduação em nutrição esportiva. Ganhou uma bolsa do governo e fez um curso técnico em nutrição, porém, admitiu que ainda mantinha o objetivo de ser professora de dança e de ginástica rítmica. Porém, ao concluir o curso técnico, descobriu sua verdadeira aptidão - o direito.

Mercedes relatou-nos que a dança a auxiliou nessa caminhada, a partir das habilidades adquiridas durante a participação no projeto, na medida em que conseguiu se posicionar e assumir a liderança da turma durante todos os anos da faculdade. Argumenta que a facilidade em se expressar, em se comunicar e de se apresentar foram alcançadas pelas experiências e vivências da dança. Conta que sempre se destacou na faculdade. Mas, a grande dificuldade ainda estaria por vir, no meio do curso de direito, engravidou. Eis o maior desafio de sua vida, apesar das dificuldades financeiras e físicas, ela não desistiu, aderiu ao Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e conseguiu se graduar em Direito.

Mercedes em seu trabalho atual lida com gestão de pessoa e se recorda que as situações vivenciadas nos anos em que participou das aulas do projeto a ajudaram a entender as dificuldades das pessoas com as quais trabalha. Por fim, Mercedes diz que a dança contribuiu para que ela pudesse se fortalecer e não desistir dos desafios impostos pela vida. A dança a fortaleceu e, a partir dela aprendeu a respeitar e aceitar as diferenças.

[...] acho que o principal é o meu histórico acadêmico, porque eu saí do projeto para fazer cursos. Então, eu saí do projeto que eu já estava com 14 anos, e precisava me direcionar. [...] Eu sempre fui de defender as pessoas à minha volta, então, muitas vezes eu até não tinha o equilíbrio de como defender aquela opinião ou aquela pessoa nas situações. E aí descobri o direito [...] eu carreguei a liderança da minha turma do primeiro período até o décimo período, que foi uma característica que trouxe da dança. A fala, argumentação, a facilidade em comunicar, o não ter medo de comunicar, de me apresentar numa sala, me apresentar num grupo de levar toda aquela opinião e filtrar e direcionar ela por um caminho, e isso foi desenvolvido na dança. Eu tenho muita facilidade de me apresentar e apresentar ideias. E até na dança, a gente passa pelo treino e repetição, aprende todas as coreografias. E na vida também é assim, quando você vai fazer uma apresentação, quando você vai defender uma argumentação, você estuda aquilo, de uma certa forma, você decora aquilo para você apresentar [...] no meio da minha graduação, eu descobri que estava grávida e estava tudo indicando que eu deveria desistir. [...]. Mas decidi continuar, então eu fui atrás do FIES para financiar minha faculdade e eu tive apoio dos meus pais, claro, sempre me apoiaram a continuar, mas todo o controle que eu tive, eu acho que o psicológico também, da situação e de me reorganizar [...]. Tudo isso veio desenvolvido lá da base. Da base, tanto familiar quanto do que aprendi na dança (Mercedes)

Para a mãe de Mercedes, hoje ela está seguindo sua vida, é boa mãe, está trabalhando e lutando por seus ideais. Na sua visão, ela está muito bem e reflete que o projeto foi de grande importância para o desenvolvimento da filha: “Hoje ela está bem, graças a Deus. Naquela época também, ela já estava, [...] já é uma mulher adulta, está correndo atrás dos objetivos dela, principalmente os profissionais. [...] O projeto ajudou bem”.

Para Bertha foi desafiador conseguir conciliar trabalho e estudo. Saiu do projeto por não conseguir conciliar estudo, trabalho e *ballet*. Segundo ela, foi uma escolha bem difícil, porém, ao mesmo tempo, desafiadora, também uma conquista, pois hoje ela consegue trabalhar e estudar: “[...] conciliar muitas coisas ao mesmo tempo, porque um dos motivos também que fez eu acabar saindo foi porque eu comecei a trabalhar, então, tipo assim, é estudar, ir para o balé e trabalhar. [...] estava ficando muito difícil.”

Os desafios apontados por Mercedes e Bertha dizem respeito à condição das mulheres na sociedade, entre conciliar trabalho, trabalho doméstico, estudo e maternidade. Trata-se, pois, das relações desiguais entre os gêneros masculino e feminino. O primeiro ponto que merece destaque

quando pensamos na relação masculino – feminino, passa pela divisão sexual do trabalho que é uma das formas centrais da reprodução capitalista.

Na divisão sexual do trabalho ocorre a separação e hierarquização entre os trabalhos de homens e de mulheres. Nesse processo, o trabalho feminino assume uma posição subalterna. No entanto, cabe entender que a divisão sexual do trabalho é fruto de um sistema patriarcal capitalista no qual as mulheres possuem baixo prestígio social, logo ocupam os piores postos de trabalho e assumem, em geral, sozinhas, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos (CISNE, 2012). O patriarcado por sua vez “designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens” (DELPHY, 2009, p. 173), ou seja, pode ser entendido como sinônimo de dominação ou opressão masculina sobre as mulheres e imbrica-se ao capitalismo funcionalmente, como afirmou Daniele Kergoat:

De um ponto de vista histórico, a estruturação atual da divisão sexual do trabalho (trabalho assalariado/ trabalho doméstico; fábrica/ escritório/família) apareceu simultaneamente com o capitalismo, a relação salarial só podendo surgir com a aparição do trabalho doméstico (deve-se notar de passagem que esta noção de trabalho doméstico não é nem a-histórica nem transistórica; ao contrário, sua gênese é datada historicamente). Do nascimento do capitalismo ao período atual, as modalidades desta divisão do trabalho entre os sexos, tanto no assalariamento quanto no trabalho doméstico, evoluem no tempo de maneira concomitante às relações de produção. (KERGOAT, 1989, p.95).

Assim, além da exploração e opressão que as mulheres sofrem no trabalho assalariado, também enfrentam outro desafio – o trabalho doméstico não remunerado e a maternidade. Essa realidade atinge as mulheres de maneira geral, mas, em particular, as pertencentes às classes populares, sobretudo as mulheres negras. Segundo o estudo “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” - 2ª edição, lançado em 2021, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, em 2019, as mulheres, principalmente as pretas ou pardas, dedicaram-se aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas). O mesmo estudo aponta que a Taxa de Participação que mede a Participação em Idade para Trabalhar (PIT), ou seja, a força de trabalho disponível para trabalho atinge as mulheres em maior proporção: “Em 2019, a taxa de participação das mulheres com 15 anos ou mais de idade foi de 54,5%, enquanto entre os homens esta taxa chegou a 73,7%, uma diferença de 19,2 pontos percentuais, o que evidencia uma desigualdade expressiva entre gêneros”. (IBGE, 2021).

A ex-aluna Toshie, por sua vez, revela que uma grande conquista foi o reconhecimento da comunidade para com ela por suas belas apresentações e talento. Já o maior desafio foi não poder dançar, fatos como mudar de cidade, a falta de adaptação com novos professores e a maternidade a impediram de continuar a dançar. Outro fator relevante foi não ter conseguido realizar o sonho de se graduar em educação física. Mas, afirma que ainda irá realizar esse grande sonho, acredita que a dança a ajudou a ter determinação e será essa determinação que a fará conquistá-lo.

[...] depois que eu saí, assim saber que às vezes encontrava com alguém na rua e me falava, “nossa, você dançava como tal pessoa”, “você fazia isso”, “você é aquela menina que faz assim com a perna”, isso daí é uma gratificação muito boa, porque a gente tem reconhecimento. Agora, o desafio foi ficar sem dançar. Não consigo ficar sem dançar. Mudei de cidade, não achei ninguém lá que desse aula do meu agrado, do jeito que era aqui. Não gostei de nada. Depois voltei para cá [...] tenho uma menininha agora, então assim ficar sem dançar para mim é o maior desafio. Do meu lado profissional, queria muito fazer educação física justamente por conta da dança, mas no momento ainda não

consegui, mas eu creio que eu vou conseguir fazer tudo por causa do balé, do que eu aprendi com ele, ser determinada. (Toshie)

A pesquisa com as ex-alunas trouxe contribuições da dança em suas vidas, como também revelou os limites em suas vidas sejam pela condição de classe, de raça e gênero. Isso posto, resta evidente que as análises trazem derivações nos auxiliam à compreensão dos efeitos do projeto em suas vidas.

As imposições às mulheres como a maternidade e os cuidados familiares as sobrecarregam e, em muitas situações, as frustram por não conseguirem realizar outros projetos como estudar, praticar um esporte, ou dança. A sobrecarga gerada pela maternidade e as ações de cuidados impostos às mulheres influenciam a capacidade de autonomia delas e, no que tange às mulheres negras, essa condição é ainda maior. Segundo Flávia Biroli (2013, p. 30) “A posição das mulheres negras expõe desigualdades ainda mais acentuadas, mostrando que os problemas relativos às desigualdades e ao exercício da autonomia são ainda mais complexos quando se consideram as diferenças entre mulheres brancas e negras, ricas e pobres”.

Nas classes populares, a maternidade, por exemplo, é vivida com muita dificuldade, seja pela ausência de serviços públicos como creches, seja falta de rede de apoio ou ainda pelo fato de serem mães solo. Segundo dados do IBGE (2022) há no Brasil mais de 11 milhões de mães inteiramente responsáveis pela criação dos filhos.

Quando, em suas narrativas, as estudantes do projeto se deparam com os desafios impostos pela vida, revelam esses significados trazidos pela dança e se fortalecem na busca de suas conquistas. Mercedes, Bertha e Toshie ao trazerem à tona suas dificuldades de conciliar trabalho, estudo, maternidade (no caso de Mercedes e Toshie) e dança, é possível perceber que a transformação da mulher, nas últimas décadas, trouxe considerável influência para seu papel na sociedade (MENEZES et al, 2012).

Apesar dos desafios impostos a essas mulheres, e para tantas outras, resta evidente que a dança trouxe benefícios e significados que interferiram em seus posicionamentos no percorrer dos anos, benefícios físicos e cognitivos, sociais e afetivos que, através do ensino da dança, atendem ao indivíduo o satisfazendo integralmente (CONE; CONE, 2015).

CONCLUSÃO

As narrativas das participantes do Projeto “Ballet para todos” expuseram, dentre outros aspectos, a importância de políticas públicas para favorecer a inclusão social, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, visto que a participação em projetos sociais de dança, por exemplo, possibilita o despertar das capacidades latentes, bem como a superação de dificuldades relacionais, preconceitos, medos etc.

As ex-alunas expuseram questões singulares, mas que são experimentadas por muitas outras mulheres. Logo, suas narrativas trazem questões que merecem atenção e ampliação de políticas públicas que, ao final e ao cabo, resultem na inclusão e autonomia das mulheres de modo geral.

Conclui-se que o projeto “Ballet para todos” contribui com a inclusão social das ex-alunas participantes da pesquisa, ainda que reconhecendo os limites dessa inclusão pelas condições estruturais da sociedade expressa nos marcadores de classe, raça e gênero.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, V.; MACARA, A.; JANUÁRIO, C. Práticas Inclusivas Na Dança: Estratégias de Ensino de Professoras de Dança dos Núcleos de Arte. **JORSEN**. Lisboa, Portugal, v. 16, n.s1, p.880-883, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12228>.
- BERHING, E. R. **Brasil em contrarreforma**: a desestruturação do Estado e perda de direitos. São Paulo: Cortez, 2003.
- BIROLI, F. **Autonomia e Desigualdade de Gênero**. Contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 6 de jun. 2023.
- CISNE, M. **Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CONE, T. P.; CONE, S. L. **Ensinando dança para crianças**. 3. Ed. Barueri, SP: Manole, 2015.
- CORREA, M. C. L. Q. **Os Efeitos da Dança no Desenvolvimento Humano**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação) Universidade de Coimbra Coimbra, 2019. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/94923>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- DELPHY, C. Teorias do Patriarcado. In. HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.
- GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ.1997.
- GUERRA, Y. A dimensão investigativa no exercício profissional. In. CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p. 701-71
- IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**. São Paulo: Cortez, 1988.
- KERGOAT, D. Da divisão do trabalho entre os sexos. In. HIRATA, Helena (Org.). Divisão capitalista do trabalho. **Tempo Social. Revista de Sociologia**. São Paulo: USP, 1989.
- LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- MANTOAN, M. T. E. Educação é o privilégio de conviver com as diferenças. **Revista Nova Escola**. São Paulo, maio, 2005, p. 1-4.
- MARCONDES, N. A.V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por Triangulação de Métodos: Um referencial para Pesquisas Qualitativas. **Revista Univap**: São José dos Campos, v.7, n. 35, p.202-208, 2014.

MARQUES, I. A. Entre caminhos; propostas metodológicas da Dança no Contexto. In: XX **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010. (p. 145-161).

MENEZES, R. S. *et al.* Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedagoga.**, São Paulo, v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012.

MOLON, S. I. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, n. 16, v. 4, 2011.

NUSSBAUM, M. C. **Fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento a espécie**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

OLIVEIRA, Í. M. “Cultura política, direitos e política social”. In: BOSCHETTI, I.; BEHRING, E. R.; SANTOS, S. M. de M. dos; MIOTTO, R. C. T. (Orgs.). **Política social no capitalismo: tendências contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2008.

PEREIRA, P. A. P. “Discussões sobre política social como política pública e direito de cidadania”. In: BOSCHETTI, I.; BEHRING, E. R.; SANTOS, S. M. de M. dos; MIOTTO, R. C. T. (Orgs.). **Política social no capitalismo: tendências contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2008.

PORPINO, K. O. **Dança é Educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

SANDERSON, P. As Artes, a inclusão social e a classe social: o caso da dança. **British Educational Research Journal**. Manchester- Reino Unido v.34, n.4, p.467-490, 2013.

SILVA, S. S. da. O papel da arte-educação no desenvolvimento da subjetividade nas relações socioemocionais. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.8, n.1, p.1160-1170, jan.2022.

SILVA, D. G. N. e; WOLFF, S. S. Dançando Para Cidadania: Reflexões Sobre Práticas Artísticas e Educativas Desenvolvidas em uma ONG de Santa Maria-RS. **Horizontes**, v. 35, n. 2, p. 79-88, 31 ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v35i2.374>. Acesso em: 21 Mai 2021.

SILVA, D. G. N. e; WOLFF, S. S. **Nos Passos De Uma Dança Cidadã: O ballet clássico como agente de inclusão social e cidadania em uma ONG de Santa Maria- RS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário La Salle - Unilasalle) Canoas-RS, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unilasalle.edu.br>. Acesso em: 24 mai. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999